

Repetições

Entre a dor e o prazer na procura do ritmo¹

Maria Letícia Wierman,² Ribeirão Preto

Resumo: A autora tenta transmitir suas vivências clínicas por meio de vinhetas sobre o tema repetição. Busca entrelaçar as teorias psicanalíticas referentes ao tema com a arte, para se aproximar dos estados mentais primitivos dominantes na repetição. Seu intuito é chamar atenção para a força envolvida na repetição, não apenas para os elementos mortais conhecidos, mas principalmente pela ideia de centelha de curiosidade proposta por Bion. Propõe-se, assim, que na repetição há possibilidade de continente rítmico de transformação.

Palavras-chave: repetição, compulsão, desejo, culpa, transformações

Moldura I

O prazer nascendo dói tanto no peito que se prefere sentir a habituada dor ao insólito prazer. A alegria verdadeira não tem explicação possível, não tem a possibilidade de ser compreendida – e se parece com o início de uma perdição irrecuperável. Esse fundir-se total é insuportavelmente bom – como se a morte fosse o nosso bem maior e final, só que não é a morte, é a vida incomensurável que chega a se parecer com a grandeza da morte.

1 Trabalho apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em 9 de agosto de 2018.

2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Deve-se deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois é a vida nascendo. E quem não tiver força, que antes cubra cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para tolerar a vida. Essa película pode consistir em qualquer ato formal protetor, em qualquer silêncio ou em várias palavras sem sentido. Pois o prazer não é de se brincar com ele. Ele é nós.

(Clarice Lispector)

Moldura II

Poderíamos imaginar que o Id se acha sob a dominação dos silenciosos, mas poderosos, instintos de morte, querem ter paz e fazer calar Eros, o estraga sossegos, por instigação do princípio do prazer; mas com isso tememos subestimar o papel de Eros

(Sigmund Freud)

Nós estamos investigando o desconhecido, que pode não nos obrigar a nos coadunarmos ao comportamento que está dentro da faixa apreensível pelas nossas frágeis mentalidades, nossa frágil capacidade para o pensamento racional. Pode ser que nós estejamos lidando com coisas que são tão sutis a ponto de serem virtualmente imperceptíveis, mas que são tão reais que poderiam nos destruir e quase sem a nossa consciência. Esta é a espécie de área na qual nós temos que penetrar

(Wilfred Bion)

Abertura

Todo ser humano carrega dentro de si uma inquietação, que pode ser formulada como uma “questão existencial”, a qual tentará responder ao longo de sua vida. Em sua busca, muito provavelmente se aproximará

dela, mas jamais dar-se-á por satisfeito. Michelangelo Buonarroti fez sua primeira escultura, “Nossa Senhora junto à escada”, aos 15 anos de idade, retratando a virgem amamentando seu filho. Na minha apreensão, o tema “Intimidade do encontro” e desse encontro a possibilidade de nascimentos e renascimentos, se repetirá em suas três Pietàs.

Tenho “conversado” com Clarice Lispector há alguns anos, ela auxilia-me a aproximar-me das experiências que vivencio junto aos meus analisandos, fornece-me ritmos para que eu possa entrar em sintonia com a natureza única de cada pessoa. O coração do meu trabalho e a essência do presente texto estão contidos nas epígrafes acima. As citações de Clarice Lispector, Sigmund Freud e Wilfred Bion são elementos que molduram minha perspectiva.

No meio dessas molduras, minha tentativa de delimitar o campo no qual desejo expor as “hipóteses imaginativas” sobre o tema “Repetições”. A busca para dar sentido, por significar a experiência, refiro-me a tudo o que envolve o fato de “estar vivo”, a relação consigo mesmo, com o outro e com a natureza – é intrínseca ao Homem e a base da filosofia e da arte. Os mitos são expressões dessa busca.

A curiosidade, que envolve necessidade (sobrevivência física), desejo (sobrevivência psíquica) e temor (riscos de morte física e/ou psíquica), pode levar preponderantemente ao crescimento ou às obstruções. *Prometeu acorrentado* (Stephanides, 2001), “Jardim do Éden”, “Torre de Babel” (Gênesis, 1960) são alguns dos mitos relacionados à busca do conhecimento. A “repetição” envolvida nessa busca é inerente à natureza e ao Homem como parte dela. Será que existe algo conhecido sem a repetição?

Todavia, desde as eras mais remotas, inúmeros povos compartilharam a crença, e daí chegaram a convicção ou certeza, de que a natureza se organizaria ritmicamente, sendo a conjugação dos diversos ritmos naturais a própria expressão de ordem cósmica ou divina vigente (Chuster, 2018, p. 29)

Dos gestos que se tornaram automáticos, como andar, escrever, até as mais sublimes manifestações artísticas como o balé, esculturas, pinturas,

músicas, se dão pela repetição. Assim, todo processo de construção/não-construção por meio do aprendizado/não-aprendizado, se dá pela repetição. O retorno e o ritmo estão intrinsecamente relacionados à repetição em suas mais diversas manifestações numa espécie de “Eterno retorno” (Eliade, 1998, pp. 17-62). Penso, com Chuster, quando diz que:

Na relação com o tempo existe sempre uma história que os pacientes podem estar nos contando sobre o ritmo das amamentações ou dos ritmos que se combinaram no meio intrauterino (mente embrionária) para dar à luz a uma individualidade acolhida pela função da mente materna (reverie/ função alfa). (Chuster, 2018, p. 30)

Foi um longo caminho percorrido desde Freud com o método catártico, recordar e ab-reagir, abandono da hipnose, descoberta da associação livre e as resistências a elas, até a interpretação para tornar conscientes os responsáveis pela formação dos sintomas.

Da evolução do conceito de Freud, passando por Klein e até Bion, do pensar como forma de aliviar o excesso de estímulos, das relações de objetos arcaicos e a construção de um aparelho para pensar os pensamentos, mente primordial, consciência moral primitiva, cesuras e todas as geniais contribuições, muitas expansões foram feitas. Permanece a necessidade, o desejo e o temor para compreender os mistérios que envolvem a complexidade do funcionamento mental relativos aos processos de pensar e sentir.

A “repetição” como um fenômeno bastante corriqueiro, presente na sala de análise, tem me interessado há alguns anos. Ela se faz presente em todos nós numa gradação que vai dos gestos naturais até às formas mais acentuadas, podendo ser obstrutivas quando se perde o ritmo e/ou artísticas e não excludentes.

Bion chama nossa atenção para o fato de que

as questões repetidas podem ser até aquilo que é conhecido como compulsão à repetição. Mas a compulsão à repetição pode ser, na verdade, uma centelha

da curiosidade humana que até então não conseguiu ser extinta por nenhuma afirmação professoral, de nenhuma fonte. (Bion, 1977/1987, p. 129)

O atendimento de crianças autistas³ e/ou espectros autistas e/ou adultos com funcionamento autista acentuado, transtornos obsessivos (atos ritualísticos e pensamentos ruminatórios), fobias e pânico e a permanência por um período razoável – entre 10 e 18 anos – de alguns analisandos, ofereceu-me a oportunidade de observar e acompanhar esse ponto. Ou seja, a repetição em suas diversas manifestações⁴ na experiência, de forma mais amplificada e que se estendeu para todos os atendimentos.

O desafio que se apresenta com esses analisandos refere-se ao como lidar com a face do funcionamento repetitivo de difícil transformação, por parte do analisando e, de difícil manejo por parte do analista. Alguns analisandos se foram, pois a consciência precipitava-se tão avassaladora antes de ser possível a construção de uma continência capaz de conter a violência das acusações de um superego cruel e assassino por parte deles e, por parte do analista, ser possível encontrar uma forma de comunicação apropriada. A velocidade na experiência com que os afetos e as ideias circulam, atropela e inunda tudo ao redor. Essa face é a película de morte recobrando a vida que por sua vez exige sua manifestação urgente.

Na sala de análise estão presentes o sofrimento, a dor experimentada por ambos incluindo dores físicas como cólicas, enjoos, taquicardias etc. com a ameaça permanente do processo analítico ser interrompido, com riscos e tentativas de suicídio, eclosões de surto psicótico e atuações. Na medida em que a esperança para possíveis mudanças capazes de trazer um pouco de alívio à dor mental é mantida minimamente, vive-se à beira. Ao mesmo tempo que, em sua outra face, momentos de extrema beleza podem se apresentar por imagens, ideias, realizações, sendo compartilhados num clima emocional amoroso de profunda intimidade.

3 Bion diz textualmente que tentar compreender o autismo trará novos esclarecimentos sob nosso funcionamento primitivo, estágios precoces que não puderam seguir seu fluxo natural.

4 Pode expressar-se também nas compulsões aditivas tais como nas drogas, comida, ginástica, trabalho, poder, dinheiro.

Cenas analíticas

Cena I – Pietá

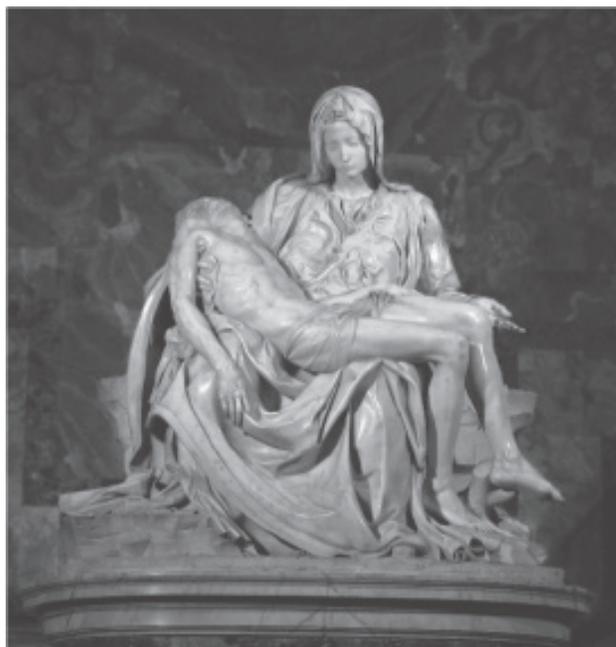


Figura 1

Michelangelo – Pietà – 1497-99

Iniciou a análise com 2 anos e 8 meses. Quando a vi sentada na poltrona da sala de espera, agarrada a um ursinho, fui tomada simultaneamente por fortes emoções e sensações. A poltrona parecia que iria engoli-la e fazê-la desaparecer. Quando me percebi, notei que havia me precipitado em sua direção para arrancá-la imediatamente daquele lugar. Não sabia se era uma menina ou um bichinho estranho, ocorreu-me que seria alguma síndrome desconhecida. Tudo isso acompanhado por uma ternura com vontade imensa de chorar, um arrepio pelo corpo todo e a palavra pulando solta na minha cabeça – Renascimento.

Assim começamos nosso trabalho, ela não falava nada, movimentava os bracinhos como se fosse sair voando, andava em círculos, andava pelo consultório todo muito rapidamente. Eu corria atrás dela tentando evitar que ela se machucasse. Depois de um longo tempo, em um determinado momento da análise ela começou a cantar. Então, cantávamos apaixonadamente, ela adorava as músicas *Menina*⁵, de Benito di Paula e *Amor I love you*⁶ de Marisa Monte e Carlinhos Brown.

Ela inventava as letras da maior parte das músicas, numa linguagem verbal própria incompreensível (numa idade em que já não era o comum de se fazer); no entanto as músicas expressavam o que vivíamos, pois “a música pode revelar a natureza dos sentimentos com um pormenor e uma verdade de que a linguagem não consegue aproximar-se” (Langer, 2004, p. 233).

Quando ela contava com aproximadamente oito anos, pediu-me para abotoar sua roupa. Naquele instante fui atravessada por um pensamento/emoção muito forte e pensei que eu já funcionara como sua extensão para várias situações por tempo suficiente. Disse a ela: “É muito importante que você faça por você a partir de agora”.

5 “Menina, que um dia conheci criança/Me aparece assim, de repente, Linda, virou mulher/Menina, como pude te amar agora?/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir/Lembro a menina feia/Tão acanhada, de pé no chão/Hoje, maliciosa,/Guarda um segredo em seu coração/Menina, que muitas vezes fiz chorar/Achando graça quando ela dizia: “Quando crescer vou casar com você!”/Menina, porque fui te encontrar agora?/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir/Te carreguei no colo, menina,/Cantei pra ti dormir...” (De Paula, 1971)

6 “Deixa eu dizer que te amo/Deixa eu pensar em você/Isso me acalma, me acolhe a alma/Isso me ajuda a viver/Hoje contei pras paredes/Coisas do meu coração/Passsei no tempo, caminhei nas horas/Mais do que passo a paixão/É o espelho sem razão/Quer amor, fique aqui/(Rep.1ª estrofe)/Meu peito agora dispara/Vivo em constante alegria/É o amor que está aqui/Amor, I love you (rept.7x)/Tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente!/Era a primeira vez que lhe escreviam/Aquelas sentimentalidades/E o seu orgulho dilatava-se/Ao calor amoroso que saía delas/Como um corpo ressequido/Que se estira num banho tépido/Sentia um acréscimo de estima por si mesma/E parecia-lhe que entrava enfim numa existência/Superiormente interessante/Onde cada hora tinha o seu encanto diferente/Cada passo conduzia a um êxtase/E a alma se cobria de um luxo radioso de sensações! (Brown & Monte, 2000)

Ela chora com desespero, percebi que fora pega de surpresa pela intensidade de sua reação. Na sessão seguinte assim que me encontra repete o pedido “abotoa para mim”.

Falo para ela: “Você não pode acreditar que já mudou isso é muito assustador e dói muito, mas eu continuo aqui” – chora com o mesmo desespero. Comecei a ser invadida por pensamentos e sentimentos terríveis: *O que você está fazendo Letícia? Você tem certeza disto? Você é cruel, é o seu lado sádico que está agindo. Será que você está cega e não percebe que ela não está pronta ainda? Você a está maltratando!*

Essa tortura se repete a semana toda, passei o final de semana em tristeza profunda. Em minha supervisão eu dizia que não queria mais ser analista de crianças, que não era pra mim. Visitei o inferno. Na primeira sessão da semana seguinte, ela ao me encontrar olha bem fundo nos meus olhos e diz: “Você não é brava, você é firme”. Atônita, pois ela nunca havia se comunicado dessa maneira, respondi: “Se eu acredito em você, você também pode acreditar em você e isso faz você firme”.

Um dos pontos marcantes desse episódio, que escolhi como um dos focos do meu interesse nesse trabalho é a “força”, “obstinação” para manter a repetição. Qual a natureza dessa força? Qual o seu propósito? Tempos depois ela iniciou um movimento com a boca em resposta ao que vivíamos, fazia uma “boca de peixe”, sugando com prazer. Eu me sentia totalmente excluída, pois sentia que havia sido engolida. Lembrei-me de Clarice Lispector:

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida (Lispector, 1999, p. 105)

Eu dizia: “Acabei de ser engolida não precisa mais de mim aqui fora”. Ela respondia com gargalhadas. Eu dizia também: “Só entra, nada sai”. Ela dava as mesmas gargalhadas. Repetiu esse movimento por longo tempo. Surgiu como memória-sonho, a cena em que eu estudava piano e entrava

num estado de profundo isolamento, onde nada mais existia e importava, era prazeroso e assustador ao mesmo tempo.

Cena II – Paola



Figura 2

Michelangelo – Pietà ca. – 1547-55

Inicia a análise, por temer suicidar-se, pois sua vida não fazia mais sentido. Pede para ser medicada, chora convulsivamente, não tem vontade para nada. Ela anda pela sala, senta-se no chão, não consegue encontrar um lugar para pousar. Repete por anos:

Eu sou uma idiota, caí novamente no mesmo lugar, eu não tenho jeito, de nada adianta saber, eu faço sempre tudo igual.

Eu não sei o que venho fazer aqui, não adianta nada, aprontei novamente.

Hoje quase não vim, como iria contar que eu fiz tudo igual novamente, o que você vai pensar de mim?

Quantas vezes eu omiti e menti para você, por sentir vergonha em voltar a fazer sempre o mesmo.

Como eu sou burra, não aprendo! Como você me suporta? Como suporta me ouvir falando e fazendo as mesmas coisas, eu não mudo.

Fiquei com vontade de chutar a análise para bem longe, estou perdendo meu tempo e meu dinheiro, eu não tenho jeito.

A repetição estava presente praticamente em todos os aspectos de sua vida, vivia enredada, paralisada. No início ela não era capaz de perceber que mudanças estavam se operando, pois o ritmo da passagem de um estado mental para outro era muito rápido, jogando-a de um extremo a outro anulando o espaço entre eles, como se ouvisse apenas o fortíssimo e o pianíssimo, resultando em experiências empobrecidas, desvitalizadas e exaustivas. Queixava-se do som da própria voz, as vivências eram de muito barulho.

Quando o ritmo alargou-se, ela pode acompanhar as entradas e saídas das trevas, das turbulências. Assim, aos poucos, o resgate foi acontecendo e conseguia emergir e transitar por diferentes estados mentais inclusive experimentar sentimentos prazerosos e gratificantes.

Cena III – Prima

Inicia sua análise assim que retorna do intercâmbio de um ano fora do país. Deseja morrer, pois vivera um ano no paraíso e agora voltara para o inferno que era a convivência com sua família. Sua mãe vivia deprimida não suportando nada, frente a qualquer contrariedade se entupia de remédios e se isolava no quarto. Seu pai, embora um empresário bem-sucedido, vivia ameaçado por desastres iminentes de toda natureza, considerando a todos da sua família como “sanguessugas”, sentia-se constantemente lesado.

Prima não se sente vista e compreendida por ninguém, muitas vezes durante as constantes brigas perde o controle e atira o que vê pela frente. Repete, repete, repete... Chora o tempo todo, um choro doído e sem fim!



Figura 3

Michelangelo – Pietà Rondanini 1552/53-64

Eu não suporto mais ser a louca da família, eles me chamam de insuportável, enjoada, insatisfeita que recebe tudo do bom e do melhor e não reconhece.

Eu quero mudar e não consigo. Eu vejo que eles fazem tudo por mim, mas eu só entendo, não sei o que acontece, não consigo me sentir amada de verdade.

Letícia, o que eu tenho? O que acontece comigo? Nada muda, eu não tenho vontade de viver, só penso em morrer.

Eu sou desorganizada, odeio me atrasar, mas não consigo chegar no horário para nada, estou sempre perdendo a hora, eu fico me sentindo mal, pois não consigo mudar.

Ao mesmo tempo, é marcante seu respeito, consideração, compromisso com tudo e todos de suas relações. O perfeccionismo está presente em tudo a que se propõe, e realiza com elevado padrão estético. Ela me mostra uma foto que tirou dizendo que a imagem era falsa, pois retratava algo muito mais lindo do que existia de fato.

Lembrei-me de Beethoven que compôs concertos e sonatas, obras somente executáveis com os pianos modernos e sua riqueza sonora digna da composição indicada nas pautas. Essa experiência permitiu-nos descobrir que na verdade nossos “olhos” ainda não são capazes (algum dia serão?) de capturar o que de fato existe, tantas riquezas, como pode a lente de sua máquina. Portanto, o que acreditamos (físico e psíquico) como sendo o real são meras visões parciais e distorcidas.

Reflexões a partir das experiências clínicas

Um dos desafios para mim, diante dessas experiências, era encontrar uma maneira de comunicar o vivido da sessão, pois tudo era imediatamente “tragado” para o mesmo lugar das autoacusações e, se eu mostrasse esse funcionamento, que isso era feito, a resposta era: “Está vendo, eu não tenho mesmo jeito, não adianta”. Uma muralha se levantava instantaneamente.

Tentar descrever o estado emocional, tentar ficar no mesmo lugar, sem acréscimo algum, era o possível a ser feito, tudo muito lentamente. Isso acompanhado de dúvidas frequentes quanto à função analítica, enfrentar as próprias exigências e cobranças superegoicas. Eu dizia para eles mais ou menos assim:

Você se sente invadido por esses sentimentos, violentado por eles.

Como diz Clarice, você não sente e pensa, é sentido e pensado.

O que mais deseja é livrar-se desses sentimentos terríveis, o mais rápido possível, mas não depende da sua vontade, observo que tem feito todo o possível para isso.

Quando é dominado por essas emoções perde a esperança de que isso irá pelo menos ficar mais ameno, pois o que você já experimentou de diferente desaparece como se nunca tivesse existido.

Você pensa, e muitas vezes planeja em acabar com a própria vida, acreditando que é a única maneira de parar com tanto sofrimento. Quero que saiba que para mim não é tanto faz, embora, eu não tenha poderes para evitar, caso você decida por esse caminho.

Como é difícil pegar no colo o morto, o rejeitado, o odiado.

A saída desses estados ocorria no princípio muito pouco e a volta era rapidamente vertiginosa o que levava a outro desafio, manter a crença e a esperança na possibilidade de transformações desse funcionamento repetitivo. Eu dizia para eles e para mim mesma: *Você não conseguirá me convencer da sua convicção de que não tem jeito, pode desistir.*

Eu sentia o quanto manter minha crença e esperança era fundamental para a sobrevivência do nosso trabalho, baseadas no que eu podia observar de retomadas de movimentação mental; da companhia de Anne Alvarez ao dizer que seria necessário carregar a crença e a esperança por nós dois pelo tempo que fosse necessário; da lembrança de Sebastião Salgado,⁷ do filme *O sal da terra*, Wenders e Rosier:

Eu já sabia uma sobre esse Sebastião Salgado: Ele se importava mesmo com as pessoas. Isso tinha um grande significado para mim. Afinal, as pessoas são o Sal da Terra. O homem cujas fotos nos contaram milhões de histórias da vida neste planeta hoje compartilha conosco um grande sonho: A destruição da natureza é reversível. Mais de mil nascentes voltaram a jorrar no Instituto Terra e mais de 2,5 milhões de árvores já foram plantadas. Os animais voltaram, inclusive onças. Essa terra já não é mais dos Salgados, é um parque Nacional que pertence a todos. Ela é o exemplo de que, em qualquer lugar, Terras maltratadas podem ser novamente transformadas em Floresta (Wenders & Rosier, 2014)

O ritmo é dado pelos ciclos. Ciclo não é círculo. O círculo são experiências claustrofóbicas, de encarceramento e morte. Nos ciclos, as repetições, nunca voltam para o mesmo ponto de partida, ao retornar estão sempre um pouco além, mesmo que muitas vezes imperceptíveis.

Com o tempo, pelo ritmo, as experiências foram se ampliando e permanecendo por um período maior, estados emocionais mais prazerosos

7 A lembrança refere-se ao impacto causado pelas fotos tiradas, antes degradada e depois recuperada, da fazenda pertencente à família de Sebastião Salgado, local de sua infância, hoje Projeto Instituto Terra. A força de vida que permanece, mesmo que soterrada por tantos maus-tratos, e renasce ao receber os cuidados necessários (Salgado, 2013).

foram surgindo, bem como foi sendo possível, para mim, uma comunicação mais livre, pois já não era mais usada como munição auto-acusatória. Dessa forma, a experiência analítica é como “máquina de fazer sentir”, parafraseando Mia Couto ao falar dos livros de Valter Hugo Mãe.⁸

Molduras

Pudesse eu um dia escrever uma espécie de tratado sobre a culpa. Como descrevê-la, aquela que é irremissível, a que não se pode corrigir? Quando a sinto, ela é até fisicamente constrangedora: um punho fechando o peito, abaixo do pescoço: e aí está ela, a culpa. A culpa? O erro, o pecado. Então o mundo passa a não ter refúgio possível. Aonde se vá e carrega-se a cruz pesada, de que não se pode falar. Se se falar – ela não será compreendida. Alguns dirão – “mas todo o mundo...” como forma de consolo. Outros negarão simplesmente que houve culpa. E os que entenderem abaixarão a cabeça também culpada. Ah, quisera eu ser dos que entram numa igreja, aceitam a penitência e saem mais livres. Mas não sou dos que se libertam. A culpa em mim é algo tão vasto e enraizado que o melhor ainda é aprender a viver com ela, mesmo que tire o sabor do menor alimento: tudo sabe mesmo de longe a cinzas.

(Clarice Lispector)

A vida não é dos bens o supremo; dos males, entretanto, o maior é a culpa.

(Friedrich Schiller)

8 Nesse livro, especificamente, compreendo-o a partir de um dos legados de Bion, que a função principal da análise é o conectar-se afetivamente que permite o desenvolvimento da mente. Couto (2016, p. 11).

Considerações teóricas

O cenário em que o funcionamento repetitivo se apresenta tingido por cores escuras, em sua face sombria, pelo sentimento de culpa, crueldade e exigência, encontra-se fundamentado nas teorias de Freud, Klein e Bion; na origem do superego e pelas expansões de autores atuais. Em seus trabalhos, Walter Trinca (1997) pesquisou os fatores obstrutivos na personalidade responsáveis pelo impedimento de fluidez mental, resultando em paralisações estéreis.

Nomeou de “inimigo interno” a presença do instinto de morte, expresso em um superego cruel, algoz, despojando a personalidade de seus elementos vivos e criativos.

A conjectura, então é de que nas fundações de nossa vida mental existe uma atividade moral que urge para existir. Refere-nos ao que não é pensamento e nem aprendido com a experiência, mas sim repetições de um já vivido primevo. O conceito consciência moral primitiva, neste sentido, mescla as teorizações precedentes: é inata (embora não filogenética) e é decorrente de experiências, embora anteriores às relações de objeto. Estabelece-se uma distinção entre uma consciência moral “madura” e uma consciência moral “primitiva”. A primeira compreendendo os desenvolvimentos éticos de um superego em interação criativa com o ego, enquanto a moralidade primitiva manifesta-se de forma impeditiva ao contato com situações novas, que possibilitam crescimento da personalidade. (Mattos & Braga, 2009)

Braga e Mattos, em relação aos sentimentos de culpa e as crueldades como consequências, nos mostram a urgência da vida e a existência diante da face da morte e o seu processo repetitivo.

Retomando as molduras I e II

E ainda em Freud:

O que a biologia e as vicissitudes da espécie humana criaram e deixaram no Id é assumido pelo Eu, através da formação do Ideal, e revivenciado nele individualmente. Graças à história de sua formação, o ideal do Eu tem amplos laços com a aquisição filogenética, a herança arcaica do indivíduo (Freud, 2011).

E em Bion:

Limitarmo-nos à observação somente do que compreendemos é negar a nós mesmos a matéria-prima da qual a sabedoria e o conhecimento presentes e possivelmente futuros podem depender. O fato de serem incompreensíveis agora, porque nossas mentes não estão preparadas ou estão mal – ajustadas para apreendê-los, não é uma razão para limitar os fatos tais como se apresentam realmente (Bion, 1981/1991).

Seria provável a hipótese da existência de um componente filogenético, concomitante ao funcionamento descrito acima, em que quando interrompido o ritmo, dado pelos ciclos da natureza (externa e interna) e, pelos ciclos da vida, a força pela sua retomada não cessará enquanto houver vida? E a força não cessará na busca por atingir o sublime em suas potencialidades de SER? E essa busca não só considera o outro como entende que só na relação com o outro será possível a expansão de suas potencialidades.

Sinto falta da Natureza.

Natureza real, selvagem

Não construída, acontecida.

Tenho a impressão que convivência muda tudo,

Ao fim do encanto com o novo,

Ao conviver com uma igreja do séc. 12

Com o passar do tempo ela se torna imperceptível

como nosso próprio nariz.

Ignorada ao plano de fundo do comum.

Já a Natureza é infinita e nem a convivência torna o infinito comum.

Por isso a Arquitetura por mais sublime que possa ser,

Precisa saber seu lugar no cosmos, eternamente fadada

às limitações do Homem

Que a cria, contra a magnitude de um Universo em eterna mudança.

(Gustavo Wierman)

Repeticiones: entre el dolor y el placer en la búsqueda del ritmo

Resumen: El autor intenta transmitir sus experiencias clínicas a través de viñetas sobre el tema de la repetición. Busca entrelazar las teorías psicoanalíticas sobre el tema con el arte, para acercarse a los estados mentales primitivos dominantes en la repetición. Su finalidad es llamar la atención sobre la fuerza que implica la repetición, no sólo por los conocidos elementos mortíferos, sino principalmente por la idea de chispa de curiosidad propuesta por Bion. Se propone, por tanto, que en la repetición exista la posibilidad de un contenedor rítmico de transformación.

Palabras clave: repetición, compulsión, deseo, culpa, transformaciones

Repetitions: between pain and pleasure in the search for rhythm

Abstract: The author tries to transmit her clinical experiences through vignettes on the theme of repetition. She seeks to intertwine the psychoanalytic theories related to the theme with art, in order to approach the primitive mental states dominant in repetition. The intention is to call attention to the force involved in repetition, not only for the known mortal elements, but mainly for the idea of spark of curiosity proposed by Bion. It is proposed, therefore, that in repetition there is the possibility of a rhythmic continent of transformation.

Keywords: repetition, compulsion, superego, guilt, transformation

Referências

- Bion, W. R. (1976). Sobre uma citação de Freud. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 7(2), 291-296.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1983). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13, 467-478. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1985). Evidência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(1), 129-140. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1987). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, 121-133. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1973). A grade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 7(1), 103-129. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações. Do aprendizado ao crescimento*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1970)
- Brown, C. & Monte, M. (2000). Amor, I love you. *Memórias, crônicas e declarações de amor*. Recuperado em 8 de dezembro de 2022, de: <https://www.lettras.mus.br/marisa-monte/47268/>
- Chuster, A. (2018). Serendipidade, capacidade negativa e memória do futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta. *Berggasse 19*, 8(2), 18-36.
- Couto, M. (2016). Prefácio. In M. Couto, *Contos de cães e maus lobos* de Valter Hugo Mãe. Porto.
- De Paula, B. (19171). *Menina*. Recuperado em 8 de dezembro de 2022, de: <https://www.youtube.com/watch?v=phQQFPY82Ks>
- Eliade, M. (1994). *Mito e realidade*. Perspectiva.
- Eliade, M. (1996). *O sagrado e o profano*. Martins Fontes.
- Eliade, M. (1998). *O mito do eterno retorno, arquétipos e repetição*. Edições 70.
- Eliade, M. (2000). *Mitos, sonhos e mistérios*. Ed. 70.
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo. O ego e o id e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago, 1976. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1976a). A negativa. O ego e o id e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1976b). O problema econômico do masoquismo. O ego e o id e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (2010b). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. Os criminosos por sentimento de culpa. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2010c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010d). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010e). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])
- Freud, S. (2010f). A predisposição à neurose obsessiva. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2010g). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 10). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010h). A transitoriedade. In S. Freud, *Obras Completas*. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 17). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2015a). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (2015b). Caráter e erotismo anal. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Gênesis (1960). Os cinco livros do Pentateuco. Jardim do Éden (Caps. 1, 2, 3, pp. 6-8); Torre de Babel (Cap. 11, pp. 15-17). *A Bíblia Sagrada Velho e Novo Testamento* (Vol. I). Guarabu.
- Langer, S. (1989). *Filosofia em nova chave*. Perspectiva.
- Lispector, C. (1992). Saudade. In C. Lispector, *A descoberta do mundo*. Francisco Alves.
- Salgado, S. (2013). *Gênesis* (Edição, concepção e design L. W. Salgado). Taschen.
- Stephanides, M. (2001). *Prometeu, Os homens e outros mitos*. Odysseus.
- Trinca, W. (1997). *Fobia e pânico*. Vetor.
- Trinca, W. (1999). *Psicanálise e expansão de consciência: apontamentos para o novo milênio*. Vetor.
- Trinca, W. (2006). *A personalidade fóbica, uma aproximação psicanalítica*. Vetor.
- Trinca, W. (2011). *Psicanálise compreensiva, uma concepção de conjunto*. Vetor.
- Trinca, W. (2016). *As múltiplas faces do self*. Vetor.
- Wenders, W. & Rosier, D. (2014). *O sal da terra* (Documentário). Imovision.

Maria Leticia Wierman
mleticiawierman@gmail.com